



PSICOLOGIA

Ana Raquel Belga Paiva

**A BIPOLARIDADE DO ARQUÉTIPO MATERNO: UMA ANÁLISE CRÍTICA SOB A
PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA ANALÍTICA**

Muriaé

Novembro de 2023



PSICOLOGIA

**A BIPOLARIDADE DO ARQUÉTIPO MATERNO: UMA ANÁLISE CRÍTICA SOB A
PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA ANALÍTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado às unidades de ensino do décimo período do Curso de Psicologia do Centro Universitário FAMINAS, como requisito parcial a sua integralização.

Orientador: Murilo de Almeida Campista Sousa

Muriaé

Novembro de 2023

Ana Raquel Belga Paiva

**A BIPOLARIDADE DO ARQUÉTIPO MATERNO: UMA ANÁLISE CRÍTICA SOB A
PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA ANALÍTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado às unidades de ensino do decimo período do Curso de Psicologia do Centro Universitário FAMINAS, como requisito parcial a sua integralização.

COMISSÃO EXAMINADORA

Laura Erhardt Villela de Andrade – Pós-graduada em Psicologia Junguiana

Msc. Dimerson de Oliveira

Especialista Murilo de Almeida Campista Sousa

Muriaé

Novembro de 2023

DEDICATÓRIA

A Olorun, deus supremo, a minha mãe Oxum, guiando meus pensamentos e atos.

A meu Pai Xangô por me dar coragem para seguir adiante e a todos os Orixás, agradeço a iluminação e a proteção, durante toda essa caminhada.

Aos meus pais, Dalicio e Ana Paula, por terem me apoiado.

Aos meus amigos, por terem acreditado em mim.

E aos meus professores, por ser fonte de conhecimento e inspiração.

EPÍGRAFE

“A vida é arte do encontro, embora haja tanto
desencontro pela vida”.

(Vinícius de Moraes)

RESUMO

O presente trabalho se construiu através de uma revisão integrativa de literatura e material bibliográfico a respeito do arquétipo materno, no qual tange o conceito de inconsciente coletivo. A princípio pontua-se que os arquétipos são herdados e relacionam-se às experiências universais da humanidade. Contudo, herda-se o formato do arquétipo, mas não o conteúdo que ele possui. Em torno do arquétipo materno, entende-se que o seu núcleo seria composto por ideias e pensamentos dotados de sentimentos influenciados pelas vivências e imagens da mãe. Os arquétipos apresentam uma dualidade; sendo assim, o arquétipo materno aprisionador será aludido aos filhos que tiveram contato com a parte negativa deste arquétipo no período de seu desenvolvimento. Portanto, terão como marcas as mensagens de desmerecimento e desprezo que serão denotadas a partir da mãe. Nesse sentido, foi explanado o símbolo da Grande Mãe, descrito por Neumann, sob o olhar da Psicologia Analítica na perspectiva de C. G. Jung, no qual, devido a diversas possibilidades relacionadas à temática, para que se torne possível realizar um trabalho com precisão em curto prazo, seu foco será delimitado na apresentação da influência deste arquétipo no desenvolvimento da personalidade feminina. O intuito é descrever para alcançar uma maior compreensão acerca do lado sombrio do arquétipo da Grande Mãe. Pode-se concluir que este trabalho busca alcançar um olhar compreensivo diante do Arquétipo Materno, dado sua importância no entendimento do funcionamento familiar e seus diversos conflitos, como e principalmente na formação de toda personalidade feminina.

Palavras-chave: Arquétipo materno; mãe; arquétipo; mãe-devoradora; Psicologia Analítica.

ABSTRACT

The present work was constructed through an integrative review of literature and bibliographic material regarding the maternal archetype, which includes the concept of collective unconscious. Initially, it is noted that archetypes are inherited and relate to the universal experiences of humanity. However, the format of the archetype is inherited, but not the content it possesses. Around the maternal archetype, it is understood that its core would be composed of ideas and thoughts endowed with feelings influenced by the mother's experiences and images. Archetypes present a duality; Therefore, the imprisoning maternal archetype will be alluded to children who had contact with the negative part of this archetype during the period of their development. Therefore, they will be marked by messages of unworthiness and contempt that will be denoted from the mother. In this sense, the symbol of the Great Mother, described by Neumann, was explained from the perspective of Analytical Psychology from the perspective of C. G. Jung, in which, due to the different possibilities related to the theme, so that it becomes possible to carry out work with short-term solutions term, its focus will be limited to presenting the influence of this archetype on the development of the female personality. The aim is to describe and achieve a greater understanding of the dark side of the Great Mother archetype. It can be concluded that this work seeks to achieve a comprehensive look at the Maternal Archetype, given its importance in understanding family functioning and its various conflicts, such as and mainly in the formation of every female personality.

Keywords: Maternal archetype; mothe; archetype; devouring mother; Analytical Psychology;

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	ORGANIZAÇÃO DA PSIQUE	11
2.1	O INCONSCIENTE, O INCONSCIENTE PESSOAL E O INCONSCIENTE COLETIVO.....	12
2.2	OS ARQUÉTIPOS	15
2.3	COMPLEXOS AFETIVOS	19
2.4	DIFERENÇAS ENTRE UMA MANIFESTAÇÃO ARQUETÍPICA E A CONSTELAÇÃO DE UM COMPLEXO	21
3	O ARQUÉTIPO DA GRANDE MÃE	24
4	O CAMINHO DA INDIVIDUAÇÃO COMO POSSIBILIDADE	31
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	36

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho irá dissertar sobre o arquétipo da Grande Mãe, mais especificamente sobre seu lado negativo. Nesse sentido, o surgimento do arquétipo da Grande Mãe, do mesmo modo do seu efeito, pode ser visto ao longo de toda história. Portanto, é notável sua presença nos rituais, mitos e nos símbolos desde os princípios dos humanos, e igualmente nos sonhos, fantasias e realizações criativas de sujeitos enfermos e saudáveis do nosso tempo (Neumann, 2016).

Desse modo, o Serbena (2010) ressalta que o arquétipo se formou pela repetição de comportamentos diante de determinadas situações similares entre si ao longo das várias gerações, assim como durante a formação do homo sapiens, apresentando um resultado com um fundo psíquico comum à humanidade, ao passo que o inconsciente coletivo e os arquétipos seriam os depositários deste repertório comportamental acumulado. Contudo, não são os comportamentos, mas estruturas ou padrões de comportamento, sendo assim, parte da natureza humana universal, independentemente do tempo e das culturas, ademais, o que há em comum são nomeados de inconsciente coletivo ou psique objetiva, pois sua existência não depende do ego e da subjetividade de cada sujeito (Serbena, 2010).

O componente material do arquétipo é adquirido pelos significados apreendidos pela própria consciência. Esse componente material do arquétipo é chamado de conteúdo arquetípico do inconsciente, que poderá ou não vir a ser assimilado ou elaborado pelo próprio sujeito. Sabe-se que o arquétipo contém um grande teor emocional e se retirar essas emoções que foram elaboradas pelo sujeito, será possível compreender o componente material do arquétipo (Neumann, 2016).

Portanto, a atuação bipolar do arquétipo abrange para além da reação instintiva inconsciente. Isto é, configura-se como uma determinação inconsciente da personalidade, que induz de modo definitivo sua disposição, inclinações e tendências, e por último, suas opiniões, intenções e interesses. Essas configurações influenciam a consciência, a forma e as conduções específicas do intelecto (Neumann, 2016).

Através dessa discussão, o autor Byington (2005) contribui para a compreensão acerca do lado positivo e negativo do arquétipo ao ressaltar a necessidade de levar em consideração que as funções, os símbolos e os arquétipos são sempre bipolares. Dessa forma, se faz necessário resgatá-los dos estigmas

tradicionais e constatar que todos podem ser bons ou maus, depende do tipo de realidade que estão inseridos.

Em consonância com os autores, Serbena (2010) traz um aprofundamento a respeito dos vários arquétipos. O autor parte do pressuposto de que esses arquétipos se dão através das situações típicas da existência humana, como o nascimento e a morte, e outros, através da ideia de terem sido constituídos pela repetição do tema ao decorrer das gerações.

Logo, a principal motivação para sustentar o presente projeto de pesquisa, habita na importância da busca pela compreensão do arquétipo materno. Sabe-se que existem diferenças entre a vivência mãe-filho e a vivência mãe-filha, ao voltarmos nossa atenção para mãe em relação ao filho, ele poderá apresentar de modo simbólico a imagem de sua busca interior, enquanto a filha será vista como a extensão de sua própria natureza essencial (Campelo, 2010). Contudo, este trabalho terá como principal foco a busca pela compreensão do desenvolvimento da personalidade da filha diante das influências da Grande Mãe uma vez que essa mãe apresenta seu aspecto aterrorizante.

Nesse sentido, busca-se contribuir para a Psicologia Analítica através de uma investigação sobre a percepção acerca do lado materno negativo, ao modo que, seja capaz de produzir conhecimento no que diz respeito à bipolaridade desse arquétipo, incitando a reflexão dele, ao tentar responder o seguinte questionamento: O desenvolvimento da personalidade da filha pode ser influenciado negativamente pelo arquétipo da Mãe Terrível?

Diante disso, serão indagadas perguntas para a questão, nas quais os autores Freitas e Ferreira (2018) contribuem ao relatar que no arquétipo primordial do feminino encontram-se determinantes do masculino, mantendo em destaque do Grande Feminino a configuração da Grande Mãe constelada na Mãe Bondosa, Mãe Terrível e na própria Grande Mãe que tem entrelaçada em si o positivo e o negativo. Sendo assim, os elementos positivos estruturam a Mãe Bondosa, enquanto os negativos formam a Mãe Terrível, podendo ambas existir de forma separada da unidade da Grande Mãe.

No entanto, é importante destacar que esses dois tipos de caráter mencionados anteriormente não são mutuamente exclusivos, mas, ao contrário, atuam de forma simultânea. Ambos têm suas raízes no simbolismo do Grande Feminino e não se

manifestam como estruturas, mas como princípios que organizam a consciência. Nesse sentido, o caráter elementar está relacionado ao aspecto feminino que tende a preservar e reter para si mesma aquilo que gerou, ou seja, age como se tudo o que criou lhe pertencesse, apesar de se tornar algo independente. Essa característica é uma das marcas do matriarcado (Freitas; Ferreira, 2018).

Em concordância, Barbosa (2021) traz uma importantíssima contribuição, apontando que o desenvolvimento da personalidade da criança sofre interferências diante do arquétipo da mãe devoradora. Esta, por sua vez, representa os atributos maternos que suprimem a autonomia da filha quando as suas necessidades são colocadas acima das da criança.

Portanto, o desenvolvimento da personalidade da filha e do filho pode ser desafiado pelo arquétipo materno devorador e/ou aprisionador, correndo perigo de ainda ser engolido pelas vontades da mãe devoradora, como se a filha fosse uma espécie de extensão narcísica dela própria, a sua propriedade (Barbosa, 2021).

Através disso, enfatiza-se que o presente trabalho apresenta como objetivo geral expor as vertentes da bipolaridade do arquétipo materno aprisionador, sendo seus objetivos específicos: expor a definição de arquétipo; dissertar a respeito do arquétipo materno aprisionador na visão de C. G. Jung; e discorrer sobre as características da Grande Mãe sob o olhar de outros autores.

Para tanto, este trabalho consiste em trazer uma compreensão acerca da Grande Mãe em seu aspecto negativo e suas influências no desenvolvimento da personalidade da filha, sendo assim, trata-se de uma revisão integrativa de literatura de caráter qualitativo descritivo, construída pelos passos descritos por Neumann (2016) e o principal foco de embasamento teórico é a partir do autor C. G. Jung (2002) diante da perspectiva da Psicologia Analítica. O psiquiatra suíço aponta sobre o arquétipo da Grande Mãe, apresentando em seguida sua influência no desenvolvimento da mulher e logo após, retrata sobre as defesas que essa filha irá desenvolver no decorrer de sua vida e seus possíveis impactos. Ademais, para que seja possível compreender a bipolaridade do arquétipo materno aprisionador, foi utilizado como base o livro **A Grande Mãe** de Neumann (2016). Além disso, para dissertar acerca do lado negativo materno, foram utilizados cinco livros, **A Grande Mãe** (Neumann, 2016), **A natureza da psique** (Jung, 2000), **A dinâmica dos símbolos** (Kast, 1997), **Os arquétipos e o inconsciente coletivo** (Jung, 2022), **Jung**

e o caminho da individuação: Uma introdução concisa (Stein, 2020), bancos de dados Scielo e Pepsic, com as seguintes palavras-chaves: “arquétipo materno”, “mãe”, “arquétipo”, “mãe-devoradora” e “Psicologia Analítica”. Para a seleção desses, foram selecionadas três filtragens: primeiramente por título, a segunda pela leitura do resumo e por último, a leitura integral dos artigos na língua portuguesa, resultando em vinte e sete trabalhos selecionados para serem utilizados como embasamento teórico a partir das obras publicadas nas últimas duas décadas, sendo descartados sessenta e sete trabalhos para o desenvolvimento deste presente trabalho.

Sendo assim, no Capítulo 1 será descrito brevemente sobre a organização da psique, abrangendo o inconsciente, inconsciente pessoal e inconsciente coletivo, logo após, será abordado sobre os arquétipos, complexos afetivos e as diferenças entre uma manifestação arquetípica e a constelação de um complexo. No Capítulo 2, serão aprofundadas nas discussões através dos autores C. G. Jung e Neumann no que se refere ao arquétipo da Grande Mãe, sua influência no desenvolvimento feminino e discorrerá sobre suas características sob o olhar de outros autores. O Capítulo 3 terá como objetivo abordar acerca do processo de individuação com base na Psicologia Analítica.

2 ORGANIZAÇÃO DA PSIQUE

A partir da definição apontada por Nasser (2010), a ideia que C. G. Jung sustenta é que a personalidade do indivíduo é apresentada através da psique do mesmo. Este conceito chamado de psique refere-se a uma união entre sentimentos, comportamentos e pensamentos, podendo estar no campo da consciência ou do inconsciente. A psique é de extrema importância para se pensar o ser humano, e sendo assim, Jung (2000, p. 79) cita: “A psique é o eixo do mundo”.

A abordagem de C. G. Jung não segue necessariamente uma linearidade ou uma lógica, ela se encontra dentro do campo dialético, debruçando sobre a investigação do desenvolvimento das bases arcaicas e coletivas da personalidade, ou seja, seu foco se dá na investigação dos arquétipos que se expressam no simbolismo da psique; Para ele, a psique manifesta-se através de símbolos¹ que tem como propósito alcançar a individuação² e não mantendo somente como objetivo a busca por expressar o conteúdo inconsciente reprimido (Padua, 2018).

É possível compreender o símbolo como sendo capaz de unir dois extremos que são os conteúdos conscientes e inconscientes da psique (Padua, 2018). Por sua vez, o processo de individuação não se constitui em um desenvolvimento linear, mas é um processo circulatório, em que o indivíduo não busca a perfeição, ele visa completar-se (Silveira, 1992), contudo, no capítulo três será visado um aprofundamento diante deste conceito.

Veja-se, a seguir, sobre as camadas que habitam no inconsciente para uma maior compreensão acerca dos conteúdos do inconsciente pessoal e inconsciente coletivo.

¹ “O símbolo deve ser compreendido como uma ideia intuitiva que ainda não pode ser formulada de outra, ou de uma melhor forma... O símbolo é uma invenção inconsciente em resposta a uma problemática consciente” (Samuels, Shorter, Plaut, 1986, p. 127).

² “Individuação é uma pessoa tornar-se si mesma, inteira, indivisível e distinta de outras pessoas” (Samuels, Shorter, Plaut, 1986, p. 70).

2.1 O INCONSCIENTE, O INCONSCIENTE PESSOAL E O INCONSCIENTE COLETIVO

Segundo o autor C. G. Jung (2002) o inconsciente é visto pela consciência como sendo o lugar em que habita os terríveis espíritos sanguíneos, a fraqueza dos sentidos, a ira súbita, sendo considerada a fonte de todos os maus pensamentos, em contrapartida, a consciência parece se tratar sobre uma questão de cérebro, o qual consegue ver tudo, separa e vê isoladamente.

No entanto, C. G. Jung (2002, p. 272) cita: “A autonomia do inconsciente começa onde se originam as emoções... Os afetos não são feitos através da vontade, mas acontecem”. O autor acrescenta: “Os motivos inconscientes muitas vezes triunfam sobre decisões conscientes, especialmente quando se trata das questões principais da vida” (Jung, 2002, p. 275), ao ponto que: “uma camada mais ou menos superficial do inconsciente é indubitavelmente pessoal, sendo denominada de inconsciente pessoal” (Jung, 2002, p. 15).

De acordo com Arruda (2021), o inconsciente pessoal guarda as informações experienciadas no decorrer da vida. Essas experiências são incapazes de serem suportadas pelo ego³ devido ao fato de serem consideradas imorais e desprezíveis pela consciência, assim como os conflitos pessoais, morais, as circunstâncias penosas que são vivenciadas pelos indivíduos e todo tipo de informação vista como sendo desnecessária para a vida dele.

Entretanto, o inconsciente pessoal faz parte daquilo que é mais próprio do sujeito e acontece de acordo com as experiências que este vive ao longo de sua existência, essas vivências são resultadas em memórias. Sendo assim, se o indivíduo não conseguir de maneira alguma recuperar essas memórias em sua consciência, elas tenderão a se exteriorizar na forma de sonhos⁴ ou de reações incomuns nas rotinas diárias de cada indivíduo. Sendo assim, o inconsciente pessoal representa a parte subjetiva do psiquismo (Arruda, 2021).

³ “O ego é o organizador da esfera consciente da psique e é o responsável pelo sentimento de identidade, de continuidade e de coerência” (Nasser, 2010, p. 327).

⁴ “Um auto-retrato espontâneo, em forma simbólica, da real situação no inconsciente” (Samuels, Shorter, Plaut, 1986, p. 131).

Portanto, em busca da compreensão sobre o inconsciente pessoal, Ramos (2005) apresenta sucintamente a respeito do que são esses conteúdos inconscientes, acrescenta-se:

Esses conteúdos são formados por percepções subliminares e combinações de ideias com energia psíquica insuficiente para irromperem na consciência, experiências de vida “esquecidas” pela memória consciente, recordações dolorosas de serem lembradas, repressões sexuais, desejos reprimidos, qualidades da personalidade — positivas e negativas — desconhecidas pelo Eu e, principalmente, grupos de representações carregados de forte carga emocional e incompatíveis com a atitude consciente (complexos, cujas bases são os arquétipos - localizados no Inconsciente coletivo). Geralmente esses conteúdos não possuem energia psíquica suficiente para permanecerem no campo da consciência, entretanto, podem adquirir a energia necessária para emergir na consciência na forma de lembranças, sonhos, fantasias, devaneios e comportamentos (Ramos, 2005, p. 195).

Ademais, torna-se possível acessar os conteúdos do inconsciente pessoal através das reações emocionais que o indivíduo apresenta, essas reações são nomeadas de **constelações**. Ou seja, um complexo afetivo que está no inconsciente pode ser constelado, isto quer dizer que, um evento externo pode fazer emergir ou constelar um complexo afetivo, pois o inconsciente busca uma maneira de se tornar visto e quando esta constelação acontece, se o sujeito não for nem um pouco autoconsciente, ocorrerá à **possessão** do complexo, ela irá se transformar, pois a autonomia do complexo é de grande potência. De tal modo que ao buscar a compreensão sobre o conceito de complexo, é necessário ressaltar que este possui energia própria e pode atuar no controle da conduta, sentimentos e pensamentos do sujeito (Nasser, 2010).

Ao se tratar de uma camada mais profunda, C. G. Jung (2002) o denominou de inconsciente coletivo, no qual sua origem não se dá através das experiências ou aquisições pessoais, sendo inata, o inconsciente coletivo, por não ser de natureza individual, mas universal, isto é, contrariamente à psique pessoal ele possui conteúdos e modos de comportamentos universais, ou seja, que é possível ser encontrado em todos os indivíduos. Entretanto, o suíço C. G. Jung (2002, p. 16) ressalta que: “Os conteúdos do inconsciente pessoal consistem em sua maior parte os complexos⁵ de tonalidade emocional, que constituem a intimidade pessoal da vida anímica”. Em contrapartida, os conteúdos do inconsciente coletivo são nomeados de arquétipos⁶.

⁵“Uma entidade autônoma dentro da psique” (Samuels, Shorter, Plaut, 1986, p. 32). O complexo será abordado com maior aprofundamento ao decorrer do texto.

⁶“O arquétipo é um conceito psicossomático, unindo corpo e psique, instinto e imagem” (Samuels, Shorter, Plaut, 1986, p. 24). Ao longo do texto, esse conceito será aprofundado.

Entretanto, o que se origina do inconsciente coletivo nunca poderá ser considerado um material doentio; somente o que vem do inconsciente pessoal poderá adquirir essa consideração de doentio, pois é através do inconsciente pessoal que será adquirido a transformação e coloração específicas ao ser englobado em uma extensão de conflito individual (Jacobi, 2016).

Segundo Jacobi (2016, p. 221): “No inconsciente coletivo e suas manifestações, ainda impera o “tempo mítico”, em que passado e futuro são um só”, pois a questão de tempo e espaço são ordens que surgem na consciência na tentativa de diferenciar-se, mas no que se refere ao inconsciente coletivo, “todas as suas manifestações não se referem, portanto, a algo consciente agora ou no passado, mas a algo essencialmente inconsciente” (Jung, 2002, p. 157). Isso posto, o autor Jacobi (2016) pontua:

No entanto, o inconsciente coletivo não é o conteúdo da experiência, mas a correspondência a ela ou ao mundo como um todo. Aqui se perde de vista o fato de que o inconsciente coletivo é de natureza completamente diferente, por conter em si todos os conteúdos da experiência psíquica da humanidade, tanto os mais valiosos como os mais inúteis, os mais belos e os mais feios (Jacobi, 2016, p. 69-70).

Ao que se refere aos conteúdos do inconsciente coletivo, é necessário que fique esclarecido que está sendo retratado de tipos arcaicos, primordiais, ou seja, imagens universais que existem desde os tempos mais antigos que habitam no inconsciente dos indivíduos (Jacobi, 2016).

Segundo Bonfatti (2007) esses conteúdos (arquetipos) do inconsciente coletivo apresentam motivos semelhantes e se repetem em outros lugares e em diferentes momentos na história através da hereditariedade. Todavia, essa camada mais profunda denominada de inconsciente coletivo abrange a todos, ou seja, é universal e inata.

A partir disso, Samuels *et. al* (1986, p. 69) apontam que: “O inconsciente coletivo opera independentemente do ego por causa de sua origem na estrutura herdada do cérebro”. Assim sendo, o autor Bonfatti (2007) cita que na perspectiva de C. G. Jung essa visão sobre o inconsciente coletivo irá abrir os caminhos para a compreensão dos temas mitológicos e lendas, pois grande parte das atividades psíquicas está associado ao inconsciente e, sobretudo, ao inconsciente coletivo que se encontra em todos os processos psíquicos.

Sendo assim, Penna (2009) exemplifica sobre a relevância dos mitos para compreender o inconsciente coletivo:

Os mitos forneciam aos seres humanos um corpo de conhecimentos e métodos para lidar com a natureza e construir modos comunitários de vida produtivos e criativos. Os mitos são resultantes da compilação do conhecimento acumulado sobre a constituição do mundo e dos seres vivos, seu funcionamento e integração. A mitologia é uma produção coletiva anônima e espontânea de conhecimento que brota do inconsciente coletivo e constrói consciência coletiva. Podemos indiscutivelmente considerar os mitos como uma forma de conhecimento produzido e acumulado pela humanidade desde os seus primórdios. Assim sendo, a mitologia se constitui uma das primeiras formas de produção de conhecimento registrado e compilado (Penna, 2009, p. 31).

Entretanto, o inconsciente coletivo está para além de ser apenas um legado histórico, podendo dizer que o mesmo representa o seu legado filogenético ou a soma das experiências da humanidade, nisto, a autora Gorresio (2017) faz uma importante contribuição:

Jung, ao dizer que o inconsciente coletivo é uma “objetividade vasta aberta ao mundo inteiro”, concebe-o como uma vida objetiva, como espécie de uma tessitura invisível onde todos os seres, e não só os homens têm seu ser. Assim compreendido, o inconsciente coletivo é o fundamento de toda espécie de existência, alma de tudo o que vive Gorresio (2017, p. 65).

Assim sendo, é possível compreender o inconsciente coletivo como gerador de toda a manifestação de vida. Desse modo, conclui-se que todos os seres existentes possuem aspectos herdados, inatos, que serão adquiridos pelas vivências na relação que o indivíduo tem com o mundo (Penna, 2009).

2.2 OS ARQUÉTIPOS

Segundo Neumann (2016), um dos principais objetivos do ramo da Psicologia Analítica é realizar uma análise estrutural de um determinado arquétipo, e a apresentação de sua constituição interior, de sua dinâmica e dos seus componentes, manifestando-se por meio de imagens e dos mitos que permeiam a humanidade.

Entretanto, quando se refere à imagem primordial, não é sobre a existência de uma imagem concreta que existe com tempo e espaço, mas trata-se de uma imagem interior em funcionamento na psique humana. Sendo assim, o arquétipo tem tendência a reproduzir constantemente ideias místicas parecidas, a forma que ele poderá ser apresentado é herdada (Neumann, 2016).

Este foi retratado por C. G. Jung (2002) quando esclarece que essa imagem primordial é determinada apenas quanto à forma de modo limitado, o conteúdo presente poderá ser adquirido se o sujeito se tornar consciente, pois o conteúdo será dado a partir do material da experiência consciente, ou seja, através das experiências que o sujeito adquire ao longo da vida, caso ele se torne consciente sobre o que de fato ocorre em suas vivências, o conteúdo do arquétipo ou imagens arquetípicas, poderá adquirir certas formas no inconsciente.

Dessa forma, para entender de modo integral o conceito de arquétipo, deve-se estabelecer a divergência entre seus constituintes dinâmicos ou emocionais, bem como seu simbolismo, sua estrutura, e seu conteúdo arquetípico. Sendo assim, o autor ainda esclarece que os efeitos que permeiam o arquétipo expressam-se através de procedimentos energéticos⁷ no interior da psique, sendo que tais processos ocorrem entre o inconsciente e a consciência, emergindo, por exemplo, em emoções negativas e positivas, fascinações, projeções e no medo (Neumann, 2016). Através disso, compreende-se o arquétipo como o modo que ele se manifesta através de formas e imagens psíquicas específicas, podendo ser elas percebidas pela consciência e apresentando características peculiares a cada arquétipo (Neumann, 2016).

Sendo assim, quando essas emoções negativas ou positivas se apropriam da personalidade como um todo, representam a bipolaridade de um arquétipo. Esse efeito não está subordinado à aceitação ou rejeição da consciência humana, de permanecer inconsciente ou de alcançar a consciência.

Por isso, o simbolismo do arquétipo é o modo no qual ele pode se manifestar sob o formato de imagens arquetípicas⁸ — que são notadas pela consciência e características de cada arquétipo (Neumann, 2016). Essas imagens arquetípicas, como sendo a manifestação individual de um arquétipo, será abordado mais à frente no decorrer deste trabalho, quando for retratado sobre as diferenças entre as manifestações arquetípicas e a constelação de um complexo.

⁷ A energia psíquica é: “teoricamente neutra, pode ser considerada como potencialmente ambivalente, servindo da mesma forma à vida e à morte. Na primeira metade da vida, a energia psíquica tende e se esforça por crescimento; na segunda metade da vida, em direção a um objetivo diferente” (Samuels, Shorter, Plaut, 1986, p. 17).

⁸ As imagens arquetípicas “surgem cotidianamente nos sonhos e nas fantasias de todos os humanos. É preciso que essas imagens façam apelo aos sentidos e falem a linguagem da época” (Silveira, 1992, p. 157).

Em consonância com os descritos de Neumann (2016), C. G. Jung (2002) esclarece a noção de arquétipo, por via do mesmo, entende-se que o sentido de arquétipo constitui um correlato indispensável da ideia do inconsciente coletivo, indica a existência de determinadas formas na psique, que estão presentes em todo tempo e em todo lugar. Portanto, o inconsciente coletivo não se desenvolve individualmente, mas é herdado de seus antepassados, são produtos de formas inatas e dos instintos.

Através disso, Neumann (2016) explica que a manifestação do arquétipo emerge como uma expressão simbólica do inconsciente, sendo que ela pode ser elaborada a partir de dois pontos de vista que se complementam.

Contribuindo para a discussão, Portillo (2001) deixa evidente que o arquétipo é uma possibilidade dada a priori que em contato com as experiências toma corpo e se manifesta através das imagens arquetípicas, que se dá diante das experiências subjetiva e intransferível mediante o arquétipo que faz parte do coletivo. Sendo assim, o arquétipo, neste sentido, se manifesta das mais diversas maneiras, dentro de uma simbologia própria. O símbolo da Grande Mãe, por exemplo, é um derivado do arquétipo materno.

Ademais, as imagens arquetípicas implicam na compreensão da personalidade do sujeito a partir das suas experiências. Logo, os arquétipos também demandam certa compreensão; tal como as situações, sentimentos e representações dos indivíduos. Essas situações não se separam de maneira rígida dos arquétipos, existindo sempre a possibilidade de relação entre os símbolos, pois eles se fundem (Serbena, 2010).

Entretanto, em cada sujeito os arquétipos se manifestam através das imagens arquetípicas, e apresentam a função de agrupar os conteúdos psíquicos individuais e enviar à consciência algo como uma mensagem proveniente do inconsciente. Os arquétipos provêm de experiências significativas da humanidade gravadas no inconsciente coletivo. Logo, entende-se que os arquétipos não seriam ideias ou imagens herdadas, mas seria a possibilidade herdada do aparecimento de representações psíquicas que se assemelham. Conclui-se que: “o arquétipo é a forma, enquanto o conteúdo ou suas manifestações são as imagens arquetípicas” (Bonfatti *et al.*, 2019).

Para que se torne mais palpável o entendimento sobre arquétipos e imagens arquetípicas, C. G. Jung (2002) exemplifica:

A íconoclastia da Reforma abriu literalmente uma fenda na muralha protetora das imagens sagradas e desde então elas vêm desmoronando umas após as outras. Tornaram-se precárias por colidirem com a razão desperta. Além do mais, muito antes seu significado já fora esquecido. Terá sido realmente um esquecimento? Ou, no fundo, o homem jamais soube o que significavam, e só recentemente a humanidade protestante percebeu que não temos a menor ideia do que quer dizer o nascimento virginal, a divindade de Cristo, e as complexidades da Trindade? Até parece que essas imagens simplesmente surgiam e eram aceitas sem questionamento, sem reflexão, tal como as pessoas enfeitam as árvores de Natal e escondem ovos de Páscoa, sem saberem o que tais costumes significam. O fato é que as imagens arquetípicas têm um sentido a priori tão profundo que nunca questionamos seu sentido real. Por isso os deuses morrem, porque de repente descobrimos que eles nada significam, que foram feitos pela mão do homem, de madeira ou pedra, puras inutilidades. Na verdade, o homem apenas descobriu que até então jamais havia pensado acerca de suas imagens. E quando começa a pensar sobre elas, recorre ao que se chama "razão"; no fundo, porém, esta razão nada mais é do que seus preconceitos e miopias (Jung, 2002, p. 24).

Sendo assim, de acordo com os conceitos apresentados anteriormente, enquanto os arquétipos são padrões inerentes e transpessoais, os complexos são estruturas psíquicas pessoais que se formam a partir de experiências individuais e carregam conteúdos emocionais e afetivos específicos. Compreender essa distinção é fundamental para a compreensão e o trabalho com a psique, permitindo uma análise mais precisa das imagens e símbolos arquetípicos, bem como uma abordagem mais consciente e terapêutica dos complexos pessoais (Bonfatti *et al.*, 2019).

Contudo, segundo os autores Samuels *et. al* (1986), pode-se dizer que o interesse de C. G. Jung pelos complexos o levou mais a frente para a investigação dos arquétipos que habitam no inconsciente coletivo. Como foi dito acima, entende-se que há uma conexão entre arquétipo e complexo. Sobre isto, Jacobi (2016) retrata:

Se um complexo aprisionado no material do inconsciente pessoal parece estar em insolúvel oposição com a consciência, seu "núcleo", assim que é "posto a nu", pode revelar ser um conteúdo do inconsciente coletivo; isto é, o indivíduo não é mais confrontado, por exemplo, com sua própria mãe, mas com o arquétipo do "materno", não mais com um problema único e pessoal da realidade concreta de sua mãe, mas com o problema impessoal, universalmente humano da confrontação de todo ser humano com a base maternal primordial em si mesmo (Jacobi, 2016, p.36).

Sendo assim, quando a filha entende que o problema mãe-filha não no nível de culpabilidade individual, como, por exemplo, o sentimento de ser **engolida** pela mãe, Jacobi (2016, p. 36-37) acrescenta: "tudo depende da capacidade da consciência de compreender, assimilar e integrar o complexo para assim afastar seus efeitos nocivos", caso a pessoa não consiga realizar essa assimilação, a consciência se tornará vítima do complexo podendo ser **tragada** por ele. O autor Jacobi (2016) ainda pontua que o conceito de complexo aparenta ter aqui uma conexão de parentesco

com o de arquétipo, numa estreita união recíproca e complementar; ele **invoca**, de modo espontâneo, a tentativa de explicitar também o conceito de arquétipo.

2.3 COMPLEXOS AFETIVOS

As experiências pessoais que foram reprimidas ou descartadas pela consciência descobrirão uma forma de se agruparem como complexos; desta forma, transformam-se em núcleos ou padrões de emoções, memórias, percepções e desejos referentes a um mesmo tema (Arruda, 2021).

Sendo assim, o autor Jacobi (2016) remete ao complexo como sendo oriundo do inconsciente pessoal, no qual, o complexo se fundamentará através das divergências da primeira infância ou da atualidade vivenciada pelo sujeito. O complexo também poderá se apresentar como doente ou saudável, ao depender das circunstâncias, e poderá ser visto como algo positivo ou negativo, pois ele é bipolar.

Além disso, o autor Arruda (2021) ainda acrescenta, para que fosse possível a comprovação da teoria, que C. G. Jung efetuou o Teste de Associação de Palavras⁹ para constatar a natureza psicofísica de alguns complexos — esses foram verificados mediante a utilização de instrumentos como o galvanômetro¹⁰, o voltímetro¹¹, etc. Portanto, pode-se afirmar que os complexos possuem energia própria e podem atuar no controle da conduta, sentimentos e pensamentos.

Quando o sujeito é **levado** pelos seus complexos, o que acontece de fato é a **constelação** de um complexo. Isto significa que a situação exterior provoca um processo psíquico que consiste na aglutinação e atualização de determinados conteúdos. No que diz respeito à expressão **está constelado**, Stein (2006, p. 48) retrata que: “o sujeito adotou uma atitude preparatória e de expectativa, com base na qual reagirá de forma inteiramente definida”. Ou seja, quando acontece de um

⁹ “O teste de associação livre de palavras, elaborado por Jung em 1905, é um tipo de investigação aberta que se estrutura na evocação de respostas dadas a partir de um estímulo indutor, o que permite colocar em evidência universos semânticos de palavras que agrupam determinadas populações” (Monteiro, Coutinho, Araújo, 2007).

¹⁰ “Na tentativa de quantificar a reação do sujeito às palavras estímulo, C. G. Jung adaptou um galvanômetro para verificar reações fisiológicas como velocidade de respiração, pulso e transpiração” (Caetano, *et. al*, 2016, p. 29).

¹¹ “O voltímetro para medida do chamado reflexo psicogalvânico, o pneumógrafo, que mede a intensidade de gás carbônico expirado” (Couto, 2017, p. 4).

complexo ser constelado são retomadas, através de sua tendência assimiladora, as vivências anteriores do indivíduo que se relaciona com a situação atual que o ativou (Arrais, 2015).

Diante disso, Stein (2006, p. 44-45) retrata sobre essa tendência assimiladora ao pontuar:

Algumas palavras-estímulos ativam conteúdos inconscientes e estes, por sua vez, estão ainda associados a outros conteúdos. Quando estimulada, essa rede de material associado — formada por lembranças, fantasias, imagens, pensamentos — gera uma perturbação na consciência. Os indicadores de complexo são os sinais de perturbação (Stein, 2006. p. 44-45).

A princípio, os indivíduos não sabem o por que certas palavras desencadeiam certos tipos de reações. Diante disso, Stein (2006, p. 45) pontua uma forma de compreensão: “analisando os padrões de respostas, ele descobriu que as palavras que revelavam a existência de perturbações podem ser tematicamente reunidas” e a forma de reconhecer essas perturbações seria através das palavras. As palavras-estímulo são capazes de despertar associações dolorosas que se encontram no abismo do inconsciente, contudo, Stein (2006, p. 45-46) acrescenta que: “essas associações estressantes eram as causadoras da consciência perturbada” e ainda pontua sobre os complexos:

São os diabretes e demônios interiores que podem pegar uma pessoa de surpresa. As perturbações causadas por complexos devem ser diferenciadas, compreensivelmente, das perturbações provocadas por fatores estressantes oriundos do meio ambiente externo, embora possam estar, e com frequência estejam, intimamente relacionadas umas com as outras.

Quando se trata desses diabretes e demônios que possuem o indivíduo de maneira inesperada, é o modo no qual ocorre a chamada **constelação** de um complexo, no qual o sujeito perde completamente o controle sobre suas emoções e podendo em certo ponto, não conseguir controlar seu comportamento, despertando no mesmo o sentimento de impotência. O autor Stein (2006, p. 48) faz uma importante consideração sobre a **constelação** dos complexos:

A palavra “constelação” aparece com frequência nos escritos de Jung e é importante no léxico junguiano. Refere-se usualmente à criação de um momento psicologicamente carregado, um momento em que a consciência já está, ou está prestes a ficar perturbada por um complexo.

Entretanto, os complexos surgem a partir dos traumas, e sob o olhar de Stein (2006, p. 58) é possível exemplificar a **constelação** de um complexo:

Se, por exemplo, um homem lembra a uma mulher o seu severo e rude pai, pelo seu tom de voz, seu modo de reagir à vida, a intensidade de suas

respostas emocionais, etc., esse homem irá compreensivelmente constelar o complexo do pai dela. Se eles interagem durante certo período de tempo, material será adicionado ao complexo. Se ele a injuria, o complexo paterno negativo será ainda mais enriquecido e energizado, e ela tornar-se-á tanto mais reativa em situações onde o complexo do pai está constelado. Cada vez mais, ela pode evitar inteiramente tais homens ou, por outro lado, pode sentir-se irracionalmente atraída para eles. Em qualquer dos casos, sua vida torna-se mais e mais restringida por esse complexo. Quanto mais fortes os complexos, mais restringem a faixa de liberdade de escolha do ego (Stein, 2006, p. 58).

Segundo o autor Stein (2016), os impactos do complexo materno negativo possuem um **peso** significativo no domínio do inconsciente pessoal. Entretanto, C. G. Jung (2002, p. 53) pontua: “Enquanto o inconsciente pessoal consiste em sua maior parte de complexos, o conteúdo do inconsciente coletivo é constituído essencialmente de arquétipos”.

2.4 DIFERENÇAS ENTRE UMA MANIFESTAÇÃO ARQUETÍPICA E A CONSTELAÇÃO DE UM COMPLEXO

Para que se torne compreensível o que se refere às manifestações ou representações arquetípicas, Neumann (2016, p. 21) traz a importância das diferenças entre arquétipos e representações arquetípicas ao afirmar: “As imagens simbólicas, enquanto representações arquetípicas devem ser distinguidas do arquétipo em si”. Desta forma, entende-se que o arquétipo em si se refere a uma disposição, uma possibilidade, que quiçá poderá começar a agir em um determinado momento do desenvolvimento da mente do sujeito e, a partir disto, o indivíduo começa a organizar os conteúdos da consciência em figuras definidas, configurando-se as imagens. Para se tornar ainda mais tangível, Neumann (2016) traz a luz o entendimento:

O termo “arquétipo primordial” merece uma explicação por parecer um pleonasma. Utilizamos o conceito de arquétipo com o mesmo significado que o fez Jung, de forma clara, em seus últimos estudos, como um conceito estrutural significando “presença eterna”. Porém, visto que para prática psicoterapêutica, assim como para a compreensão da história da consciência é significativa uma diferenciação do “arquétipo” no sentido de seu “desenvolvimento” no âmago da psique, atribuímos ao termo “arquétipo primordial” uma conotação ontológica, definindo-o assim como a forma que surge na fase inicial da consciência humana, antes de sua diferenciação em arquétipos particulares. O processo de “diferenciação” dos fenômenos arquetípicos, que designamos por “fragmentação dos arquétipos” na História da Origem da Consciência, subentende que arquétipos individuais emergem de uma grande massa complexa e levam a formação de grupos arquetípicos coerentes (Neumann 2016, p. 22).

Adentrando no que se refere às manifestações arquetípicas desencadeadas pelo arquétipo materno da Grande Mãe e sua ambivalência, compreende-se que o arquétipo primordial alcança uma forma na imaginação do sujeito; e as representações arquetípicas que serão atribuídas através do arquétipo materno negativo, serão de um aspecto monstruoso, desumano e colossal (Neumann, 2016).

Além disso, quase sempre a constelação arquetípica é desencadeada nos momentos em que o indivíduo está vivendo situações de grande perigo ou dificuldade. Deste modo, a constelação arquetípica se apresentará através de sonhos, de encontros e de experiências que despertam o inconsciente. Sendo assim, através da elaboração da interpretação de um sonho¹², deve-se atentar nas imagens e associações que serão trazidos pelo indivíduo. Portanto, por meio desse torna-se possível identificar os complexos que estão envolvidos em um tipo de situação psicológica, ou até mesmo qual é a constelação arquetípica daquele momento (Sant'anna, 1996).

Enquanto isso, o inconsciente está intrinsecamente ligado ao conceito de complexo, nas quais determinadas palavras poderiam provocar respostas verbais e não verbais distintas e com tempos de reação diferentes. Estas reações podem ser físicas, psíquicas e emocionais, e os complexos são preenchidos de maior ou menor carga afetiva. Quanto mais energia estiver acumulada, mais autônomo será o complexo, ou seja, será manifesto pelo inconsciente e desprovido do controle da consciência. O desenvolvimento do **emergir**¹³ na consciência significa a constelação de um complexo (Okumura, 2023).

Contudo, deve-se levar em consideração que quando um complexo é constelado, serve como indicativo de um desequilíbrio na psique. As decorrências do complexo devem ser observadas como sinais de que algo não está bem resolvido na vida do sujeito ou da possibilidade de existir um conflito interno. Diante do exposto, ao identificar que o indivíduo apresenta um complexo materno negativo ou positivo vai facilitar o entendimento da dinâmica psíquica do indivíduo, apontando quais são as

¹² Na psicologia analítica, a análise para interpretação de um sonho “retrata aquilo que está no inconsciente, os sonhos são como mecanismos compensatórios e serão analisados do ponto de vista do próprio sujeito (inconsciente pessoal), mas também se torna possível observar os arquétipos (inconsciente coletivo) e entender como ele está lidando com as fases e situações de sua vida” (Custódio, 2017).

¹³ “Emergir é o processo no qual temos uma fusão das áreas consciente e inconsciente” (Samuels, Shorter, Plaut, 1986, p. 52).

facilidades, dificuldades de desenvolvimento e possibilidades inerentes de sua vida (Campelo, 2010).

Para que seja possível pensar se há ou não a possibilidade de identificação diante das diferenças entre manifestações arquetípicas e constelação de complexo, C. G. Jung (2002) esclarece:

Deve ser levado em conta que a constelação das imagens e fantasias arquetípicas em si mesmas não é de modo algum patológica. O fator mórbido revela-se apenas no modo pelo qual o indivíduo reage, isto é, no modo pelo qual compreende os temas arquetípicos. A característica da reação patológica é em primeiro lugar a identificação com o arquétipo que determina um tipo de inflação ou possessão pelos conteúdos emergentes, cuja irresistibilidade é um desafio a qualquer terapia. A identificação pode transcorrer no melhor dos casos como uma inflação mais ou menos inócua. Em todo caso, a identificação com o inconsciente significa uma certa fragilidade da consciência e nisso reside o perigo. A identificação não é "feita" por nós, não "nos identificamos", mas sofremos inconscientemente o tornarmos idênticos a um arquétipo, isto é, somos por ele possuídos (Jung, 2002, p. 345-356).

Através do que foi explicitado, Byington (1983) apresenta uma importante contribuição ao afirmar que:

A separação entre pessoal e arquetípico nem sempre existe, uma vez que a dimensão pessoal tem fundamentação arquetípica, a começar pelos símbolos do pai, da mãe e da criança bem como por todas as defesas descritas por Freud para formar o inconsciente pessoal (Byington 1983, p. 7).

Portanto, pode-se concluir que os arquétipos são inúmeros e estão presentes em todos os sujeitos desde o nascimento, as quais são ideias existentes desde os primórdios. Desse modo, são possibilidades herdadas comuns entre todos os seres humanos, e são nas experiências vivenciadas ao longo da vida que os indivíduos desenvolvem seu inconsciente pessoal, que devido a certas experiências acabam por se fundamentar em alguns arquétipos específicos. Portanto, nessa possível fusão autônoma entre arquétipo e inconsciente pessoal, se torna possível deparar-se com os complexos, no qual, a consciência recebe a responsabilidade de compreensão, assimilação e integração do mesmo para se distanciar dos efeitos prejudiciais do complexo (Byington, 1983).

3 O ARQUÉTIPO DA GRANDE MÃE

No que se refere ao arquétipo da Grande Mãe, o mesmo deriva da História das Religiões e abrange as mais diversas manifestações do tipo de uma **Deusa-Mãe**. No início essa nomenclatura não se referia à Psicologia, uma vez que a imagem de uma Grande Mãe dificilmente se apresenta nessa forma. Além disso, se vier a aparecer a imagem arquetípica relacionada à Grande Mãe na clínica, isso se dará através de certas situações pontuais, pois o símbolo relacionado à temática que é apresentado pelo sujeito é claramente um derivado do arquétipo materno; assim sendo, quando tentamos investigar o pano de fundo da imagem da Grande Mãe, sob o ponto de vista da Psicologia Analítica, temos necessariamente de tomar por base de nossa reflexão o arquétipo materno de modo muito mais genérico (Jung, 2002). Sendo assim, as formas mais características do arquétipo materno são as seguintes:

A própria mãe e a avó; a madrasta e a sogra; uma mulher qualquer com a qual nos relacionamos, bem como a ama-de-leite ou ama-seca, a antepassada e a mulher branca; no sentido da transferência mais elevada, a deusa, especialmente a mãe de Deus, a Virgem (enquanto mãe rejuvenescida, por exemplo Demeter e Core), Sofia (enquanto mãe que é também a amada, eventualmente também o tipo Cibele-Átis, ou enquanto filha-amada (mãe rejuvenescida); a meta da nostalgia da salvação (Paraíso, Reino de Deus, Jerusalém Celeste); em sentido mais amplo, a Igreja, a Universidade, a cidade ou país, o Céu, a Terra, a floresta, o mar e as águas quietas: a matéria, o mundo subterrâneo e a Lua; em sentido mais restrito, como o lugar do nascimento ou da concepção, a terra arada, o jardim, o rochedo, a gruta, a árvore, a fonte, o poço profundo, a pia batismal, a flor como recipiente (rosa e lótus); como círculo mágico (a mandala como padma) ou como cornucopia; em sentido mais restrito ainda, o útero, qualquer forma oca (por exemplo, a porca do parafuso); a yoni; o forno, o caldeirão; enquanto animal, a vaca, o coelho e qualquer animal útil em geral. Todos estes símbolos podem ter um sentido positivo, favorável, ou negativo e nefasto. Um aspecto ambivalente é a deusa do destino (as Parcas, Gréias, Nomas). Símbolos nefastos são bruxa, dragão (ou qualquer animal devorador e que se enrola como um peixe grande ou uma serpente); o túmulo, o sarcófago, a profundidade da água, a morte, o pesadelo e o pavor infantil (tipo Empusa, Lilith, etc) (Jung, 2002, p. 91- 92).

Contudo, o autor ainda retrata que os símbolos apresentados não contêm uma enumeração completa, servindo apenas para nortear sobre os traços relevantes do arquétipo materno, ademais, o arquétipo materno apresenta uma dualidade, diante do aspecto negativo, os símbolos negativos podem ser apresentados segundo C. G. Jung (2002, p. 92) como: “bruxa, dragão — ou algum animal devorador — como, túmulo, a profundidade da água, sarcófago, morte, o pesadelo e o pavor infantil, etc”. Nisto, o suíço C. G. Jung (2002) expõe os atributos do **maternal** como:

Simplesmente a mágica autoridade do feminino; a sabedoria e a elevação espiritual além da razão; o bondoso, o que cuida, o que sustenta, o que proporciona as condições de crescimento, fertilidade e alimento; o lugar da transformação mágica, do renascimento; o instinto e o impulso favoráveis; o secreto, o oculto, o obscuro, o abissal, o mundo dos mortos, o devorador, sedutor e venenoso, o apavorante e fada (Jung 2002, p. 92).

Diante disso, o psiquiatra C. G. Jung (2002) esclarece que:

Embora a figura da mãe, tal como aparece na psicologia dos povos, seja de certo modo universal, sua imagem muda substancialmente na experiência prática individual. Aqui o que impressiona antes de tudo é o significado aparentemente predominante da mãe pessoal. Essa figura sobressai de tal modo em uma psicologia personalista que esta última, como é sabido, jamais conseguiu ir além da mãe pessoal, seja em suas concepções ou mesmo teoricamente (Jung 2002, p. 92).

Diante dos apontamentos, C. G. Jung (2002) ressalta que para compreender os efeitos traumáticos que a mãe gera em sua prole, é necessário dividir em dois grupos, ou seja, a princípio os que dizem sobre a qualidade característica ou atitudes que realmente existem na mãe pessoal. Logo após, busca-se compreender os efeitos que só aparentemente possuem tais características, uma vez que se trata de projeções do tipo fantasioso — arquetípico — apresentado pela criança. Sendo assim, as fantasias nem sempre se manifestarão como possuindo forma mitológica ou, se o forem, não provêm necessariamente de um pressuposto inconsciente, podendo derivar-se em contos de fada, em observações do cotidiano, etc., recomenda-se investigar cada caso com muita cautela.

Desse modo, entende-se que o arquétipo não é acessível diretamente, somente por suas manifestações, sendo elas: biológica, que tange ao comportamento; psíquica, em forma de imagens, representações e produções humanas formando um substrato habitual à humanidade (Serbena, 2010). E no que se refere ao efeito arquetípico, entende-se que a bipolaridade do efeito arquetípico se manifesta no interior da psique, se configurando como processos que se aplicam tanto no inconsciente como entre a consciência e o inconsciente. Esse efeito se manifesta por emoções positivas e negativas, em fascinações¹⁴ e projeções e no medo (Neumann, 2016).

Logo, o simbolismo do arquétipo se apresenta sob a forma de imagens psíquicas singulares que poderão ser notadas pela consciência. O mesmo arquétipo

¹⁴ O caráter numinoso do arquétipo trata-se de: “uma instância ou efeito dinâmicos não causados por um ato arbitrário da vontade. Pelo contrário, ele arrebatava e controla o sujeito humano, que é sempre antes sua vítima que seu criador” (Samuels, Shorter, Plaut, 1986, p 89).

ou a mesma imagem, pode se mostrar de diferentes formas, entretanto, o arquétipo da Grande Mãe pode ser observado em seu aspecto vivificante e bondoso ou em seu aspecto assustador conhecido como a Mãe Terrível (Neumann, 2016).

O autor C. G. Jung (2002, p. 94) ressalta: “O arquétipo materno é a base do complexo materno”, ademais, para alcançar uma clarificação diante deste apontamento, o psiquiatra suíço retrata sobre sua experiência ao dizer que aparentemente a mãe está ativamente relacionada na origem da perturbação, principalmente nas neuroses¹⁵ infantis, sendo assim, é a esfera instintiva da criança que se apresenta perturbada, constelando assim arquétipos que se colocam entre a criança e a mãe como um elemento estranho, podendo vir a causar angústia. Isto é notável quando os filhos de uma mãe superprotetora sonham frequentemente que a mãe é um animal agressivo, feroz ou uma bruxa, esse tipo de experiência produz um **corte na alma infantil** e como consequência, gera-se a possibilidade de neurose.

Ao pensarmos na Grande Mãe, essa mulher que gera a vida e todos os seres humanos que se encontram na Terra, ao mesmo tempo, é a mesma mulher que persegue e aprisiona a sua criação, devora e traga suas vítimas; Entretanto, a Mãe Terrível foi representada de uma forma grandiosa na Índia, nomeada de Kali, sendo referenciada por Neumann (2016, p. 134) como: “as trevas, o tempo que a tudo devora, a Senhora coroada de ossos do reino dos crânios”, no qual, é ofertado sacrifícios diários de sangue de animais em seu santuário, pois deve-se dar a Kali o sangue vital de toda criatura pois a vida foi ela quem a concedeu, o sangue ofertado tem o intuito de trazer renovação a força e a fertilidade da velha deusa terra, a qual entrega todos os alimentos, a filha da montanha, cuja enorme força de criação de vida se estabelece nas altas e majestosas montanhas, contudo, essa representação maternal mantém seu efeito de forma profunda, no qual, Neumann (2016, p. 138) retrata: “A morte e a destruição estão sempre ligadas à vida e ao nascimento”.

Diante da ambiguidade já mencionada anteriormente neste trabalho, o arquétipo materno negativo se apresenta como altamente destruidor, configurando-se adiante como o complexo materno negativo, ao ponto que, uma mãe extremamente superprotetora inibe o desenvolvimento da filha e do filho, querendo-a só para si e

¹⁵ “A neurose é uma falha (provisória) da capacidade natural da psique de exercer uma função auto-reguladora da psique, ou seja, é o desenvolvimento unilateral ou não-equilibrado” (Samuels, Shorter, Plaut, 1986, p. 88).

fazendo com que a filha torne-se dependente dela. Deste modo, a filha poderá desenvolver o medo de assumir a própria individualidade, relutando a crescer e indo sempre em busca da mãe quando se depara alguma dificuldade (Campelo, 2010).

Em contrapartida, ao se pensar na Mãe Bondosa que representa o arquétipo materno positivo, quando esse arquétipo se torna a parte dominante na psique da mulher, a conduta de mãe predomina, como, ao entregar nutrição e alimentação no sentido figurado e literal — nutrição emocional, psíquica e espiritual — se torna o princípio de regozijo para as mulheres que são marcadas por esse complexo (Campelo, 2010).

Porém, no que se refere ao desenvolvimento da personalidade feminina através das vivências com a Mãe Terrível, será retratado sobre o complexo materno da filha diante das contribuições de C. G. Jung (2002), a princípio será exposto sobre o primeiro conceito, sendo ele, **a hipertrofia do aspecto materno**, pois se entende que o complexo materno gera uma hipertrofia ou atrofia do mesmo, entretanto, a exacerbação do lado feminino faz com que os instintos femininos venham se encontrar de forma intensificada.

Sendo assim, em primeiro lugar, intensifica-se o instinto materno; contudo, o aspecto negativo desta é representado por uma mulher em que seu único objetivo é colocar a criança no mundo e, para ela, o homem é visto como sendo algo secundário, apresentado unicamente como o possuidor do instrumento de procriação e se classificando como os demais objetos que necessitam de cuidado, como galinha, gatos, parentes pobres, crianças, móveis etc. Para essa mulher, sua personalidade também possui uma importância secundária. Com frequência, ela é mais ou menos inconsciente, pois sua vida é vivenciada nos outros e através dos outros, ao ponto que: “devido à inconsciência da sua própria personalidade, ela se identifica com eles” (Jung, 2002, p. 97).

A princípio, quando essa filha está se tornando uma mãe, carrega os filhos no ventre e logo se apega a eles, pois sem eles não possuirá nenhuma razão de ser; sendo assim, acredita que seus filhos serão sua propriedade. Seu eros¹⁶ se dará como relação materna, porém se manterá no campo do inconsciente enquanto relação pessoal, pois: “Um eros inconsciente se manifestará sob a forma de poder, razão pela

¹⁶ “O Eros é a vontade de poder. O Eros inconsciente inevitavelmente encontra expressão em um impulso de poder” (Samuels, Shorter, Plaut, 1986, p. 47).

qual este tipo de mulher, embora sempre parecendo sacrificar-se pelos outros, na realidade é incapaz de um verdadeiro sacrifício” (Jung, 2002, p. 97).

Diante disso, Jung (2002) pontua:

Seu instinto materno impõe-se brutalmente até conseguir o aniquilamento da própria personalidade e da de seus filhos. Quanto mais inconsciente de sua personalidade for uma mãe deste tipo, tanto maior e mais violenta será sua vontade de poder inconsciente. No caso deste arquétipo não são poucas as vezes em que o símbolo adequado não é Demeter, mas Baubo. O intelecto não é cultivado, mas permanece em geral sob a forma de sua disposição originária, isto é, em sua forma natural primitiva, incapaz de relacionar-se, violento, mas também tão verdadeiro e às vezes tão profundo como a própria natureza. Ela própria não o sabe, sendo por isso incapaz de apreciar a graça de seu intelecto ou de admirar filosoficamente sua profundidade; pode até mesmo esquecer o que acabou de dizer (Jung, 2002, p. 97).

Logo, o segundo conceito retratado por C. G. Jung (2002) refere-se à **exacerbação do eros**, no qual, o complexo gerado na filha por uma mãe deste tipo, não é totalmente um desenlace da hipertrofia do instinto materno, pelo contrário, pode acontecer uma extinção completa desse instinto materno na filha. Isto posto, ela apresentará uma exacerbação do eros que quase sempre levará a uma relação incestuosa¹⁷ (simbolicamente) com o pai; o eros quando é exacerbado ocasiona um destaque anormal sobre a personalidade do outro, sendo assim, há um ciúme da mãe e um carecimento de superá-la e faz parte dos motivos principais de empreendimentos futuros que muita das vezes são desastrosos.

O autor C. G. Jung (2002, p. 98) retrata sobre essa mulher como alguém que: “gosta de relações apaixonadas e sensacionais por elas mesmas, e se interessa por homens casados, não por eles, mas pelo fato de ser casado, o que lhe dá a oportunidade de perturbar um casamento, objetivo principal da sua manobra”. E o autor continua sua explicação, ao dizer que quando essa mulher conquista seu objetivo, se perde o interesse, pois lhe falta o instinto materno e essa atitude conquistadora se repete com outro alguém; Este tipo feminino é marcado por uma eminente inconsciência, diante dessas ações essa mulher se encontra **cega**, sendo assim, essas atitudes não são vantajosas nem para ela própria e nem para as pessoas envolvidas.

Adiante, é retratado sobre o terceiro conceito nomeado como **a identificação com a mãe**, se por ventura não ocorrer uma exacerbação do eros no complexo

¹⁷ Neste sentido simbólico entende-se a relação incestuosa diante do sentimento que a filha sente em relação à mãe, sendo: “ciúme da mãe e a necessidade de sobrepujá-la” (Jung, 2002, p. 98).

materno da filha, ocorrerá a produção de uma identificação com a mãe e uma barreira da própria iniciativa feminina, deste modo, acontece uma projeção¹⁸ da personalidade da filha sobre a mãe em virtude da inconsciência de seu mundo instintivo materno e de seu eros (Jung, 2002). Diante disto, o autor C. G. Jung (2002, p. 99) pontua o que ocorre quando a filha observa o aspecto da maternidade em outras mulheres:

Tudo o que nessas mulheres lembra maternidade, responsabilidade, vínculo pessoal e necessidade erótica suscitam sentimentos de inferioridade, e as obriga a fugir naturalmente para a mãe, a qual vive tudo aquilo que as filhas consideram inatingível, digno de uma superpersonalidade: a mãe. Involuntariamente admirada pela filha, a mãe vive tudo antecipadamente em seu lugar (Jung, 2002, p. 99).

A filha encontra-se subordinada a mãe, de um modo desinteressado e inconscientemente ela se empenha contra seu querer a ascender aos poucos uma posição de tirana da própria mãe, a princípio se mantendo sob a máscara de uma imaculável lealdade e devoção (Jung, 2002).

Quando a filha desenvolve esse tipo de complexo materno, mantêm-se vazias em seu interior, ao ponto que um homem poderá enxergar o que lhe for agradável; pois, elas são tão inconscientes que o autor C. G. Jung (2002, p. 99) ressalta: “seu inconsciente estende inúmeras antenas, para não dizer tentáculos de pólipos invisíveis que captam todas as projeções masculinas, para a grande satisfação dos homens”. Através disto, essa característica de sentimentos de inferioridade e apatia, apresenta-se como uma simulação de uma inocência ofendida, no qual, despertará interesse no sexo oposto devido a mulher apresentar-se desamparada, pois essa filha é de alguma maneira o apêndice da mãe que não sabe reagir quando um homem se aproxima (Jung, 2002).

E por último, C. G. Jung (2002) retrata sobre as **defesas contra a mãe** diante do complexo materno negativo:

Este caso é o exemplo típico do complexo materno negativo. Seu lema é: qualquer coisa menos ser como a mãe! Trata-se, por um lado, de um fascínio que, no entanto nunca se torna uma identificação, e, por outro, de uma exacerbação do eros que se esgota porém numa resistência ciumenta contra a mãe. Tal filha sabe tudo o que não quer, mas em geral não tem clareza acerca do que imagina ser seu próprio destino. Seus instintos concentram-se na mãe, sob a forma de defesa, não se prestando pois à construção de sua própria vida. Se, apesar disso, ela casar-se por acaso, seu casamento serve apenas para livrar-se da mãe ou então o destino lhe impinge um marido com traços de caráter semelhantes ao da mãe.

¹⁸ “Pode-se considerar a projeção como normal ou patológica e como uma defesa contra a ansiedade. Emoções difíceis e partes inaceitáveis da personalidade podem ser colocadas em uma pessoa ou objeto externo ao sujeito” (Samuels, Shorter, Plaut, 1986, p. 107).

Ademais, perante os processos e necessidades instintivos essa filha será cercada por dificuldades inesperadas; Diante disso, Jung (2002) pontua que:

Todos os processos e necessidades instintivos encontram dificuldades inesperadas; a sexualidade não funciona ou os filhos não são bem-vindos, ou os deveres maternos lhe parecem insuportáveis, ou ainda as exigências da vida conjugal são recebidas com irritação e impaciência. De certa forma, tudo isso não pertence às realidades essenciais da vida, uma vez que seu fim último é constituído unicamente pela defesa persistente contra o poder materno (Jung, 2002, p. 100).

Nesses casos, C. G. Jung (2002) exemplifica os detalhes dos atributos do arquétipo materno:

A mãe enquanto família, ou clã, produz uma violenta resistência ou falta de interesse por tudo o que representa família, comunidade, sociedade, convenção, etc. A resistência contra a mãe, enquanto *uterus* manifesta-se muitas vezes através de distúrbios da menstruação, dificuldade de engravidar, horror da gravidez, hemorragias e vômitos durante a gravidez, partos prematuros, etc. A mãe enquanto matéria provoca impaciência em relação ao objeto, desajeitamento na manipulação de ferramentas e louças, bem como mau gosto no vestir (Jung 2002, p. 100).

Posto isso, baseado na defesa contra a mãe nota-se um desenvolvimento natural da inteligência, com o objetivo de desenvolver campos em que a mãe não exista, “esse desenvolvimento resulta das necessidades próprias da filha e não visa homenagear um homem que ela queira impressionar, simulando uma camaradagem espiritual” (Jung, 2002, p. 100). O autor suíço C. G. Jung (2002) da continuidade ao retratar sobre o objetivo dessa filha:

O propósito é quebrar o poder da mãe através da crítica intelectual e cultura superior, de modo a mostrar-lhe toda a sua estupidez, seus erros lógicos e formação deficiente, O desenvolvimento intelectual é acompanhado de uma emergência de traços masculinos em geral (Jung, 2002).

Contudo, a forma mais profunda da Grande Mãe em seu aspecto negativo, é marcada principalmente pelo complexo materno embasado na busca da defesa contra esta mãe aprisionadora. Deste modo, compreende-se que essa filha tentará romper com toda supremacia dessa mãe podendo resultar no aniquilamento do instinto materno.

4 O CAMINHO DA INDIVIDUAÇÃO COMO POSSIBILIDADE

No capítulo anterior foram abordadas as influências negativas na personalidade da filha decorrentes à vivência ao lado da Mãe Terrível, no qual, essa filha desenvolve defesas contra a mãe. Entretanto, a autora Campelo (2010, p. 36) ressalta que “[...] a criança progride principalmente na identificação com os pais, em contrapartida, no caso do complexo materno negativo não há uma identificação, uma vez que é negada à criança a experiência de fazer parte da vida da mãe”. Nisso, a filha irá se isolar, surgirá o sentimento de não ter direito a existência, ela se sentirá completamente sozinha (Campelo, 2010).

Ademais, as filhas que carregam a marca desse complexo almejam conseguir destruir o poder da mãe através da intelectualidade, isto posto, quando a filha começa a sentir que o direito a existência é negado, gera-se certos sentimentos em que a autora Campelo (2010, p. 12) expõe: “sente-se culpada de sua própria infelicidade e privação à vida, como se ela tivesse procurado esta condição”. Diante disso, essa mulher procura meios de conquistar esse direito à existência através de experiências positivas, como por exemplo, sendo ela mesma e talvez ocupar em algum momento de sua vida um papel de destaque em alguma área (Campelo, 2010).

Deste modo, entende-se que essa filha marcada pelo complexo materno negativo, ao não ter recebido a devida atenção na fase inicial do seu desenvolvimento, apresenta em seu comportamento uma **sede** em receber atenção e reconhecimento (Campelo, 2010).

Diante disso, para que a mulher venha conquistar seu direito à existência, segundo a autora Kast (1997), ela deve ter como objetivo visar à conquista de mais autonomia; precisa se tornar uma pessoa única, se apartando dos complexos materno e paterno. Consequentemente, após essa ruptura, serão abandonados certas normas e valores provenientes da sociedade, deixando de dar importância aos pensamentos que vêm do mundo externo. Sendo assim, o processo de tornar-se si mesmo também diz respeito a atingir maioridade, ou seja, de tornar-se quem realmente se é; este processo é conhecido na Psicologia Analítica como individuação.

Sendo assim, o psiquiatra suíço C. G. Jung (2002, p. 269) traz a explicação do termo individuação indicando que é: “um processo que gera um *individuum* psicológico”, ou seja, uma unidade indivisível, um todo. Ademais, C. G. Jung (2000,

p. 71) expõe que: “deu o nome de **processo de individuação** após reconhecer que este método era a manifestação espontânea de um processo em si desconhecido”. Diante disso, Samuels, Shorter, Plaut (1986, p. 70-71) esclarecem: “Em outras palavras, a individuação é quando a pessoa se torna consciente no que tange a ela ser tanto um ser humano único como, ao mesmo tempo, não mais que um homem ou uma mulher comum”.

Deste modo, sob o olhar de Ramos (2002, p. 128) na tentativa de esclarecer o que C. G. Jung aponta sobre o processo de individuação, o autor ressalta que este seria: “o eixo central da Psicologia Analítica e que esse processo se dá pela busca do ser humano a conhecer a si mesmo, pelo autoconhecimento, pela integração com os demais indivíduos, pela vivência espiritual e integração com o sagrado¹⁹”. O ser humano carrega um impulso inato por essa busca da individuação, sendo uma herança psicofisiológica que perpassam nas gerações da humanidade através do arquétipo *self*²⁰ (Ramos, 2002).

Em concordância com o autor Ramos (2002), o autor Stein (2020, p. 22-23) retrata que: “o estágio inicial do processo de individuação baseia-se na formação de um estado de identidade psicológica”, sendo assim, a busca pela individuação é coerente com a natureza humana, sendo assim, se o sujeito não se tornar resistente o movimento da individuação, o mesmo alcançará em algum momento da vida a consciência de diferenciar-se do que é o **seu eu** e o que é o **não eu**, alcançando o *self*. Ao modo que, o autor Ramos (2002, p. 128) pontua: A vivência do *self* pode ser alcançada mediante uma busca própria – nesse caso, o indivíduo aprende através de suas próprias experiências, “acertando” e “errando”, enfrentando seus “anjos” e “demônios”.

Contudo, não é certo que essa busca conseguirá abarcar o **processo de individuação** (a vivência do *self*) no qual é o objetivo final, podendo ocorrer da mesma se paralisar através da confrontação do **eu**²¹ – centro da consciência – no qual une conscientemente alguns aspectos que habitam no inconsciente da psique (os

¹⁹ “O sagrado confere ao indivíduo um sentimento de estar integrado ao universo, a uma “consciência cósmica”, a Deus. O sagrado é o que dá sentido à vida e a morte” (Ramos, 2002, p. 115-135).

²⁰ “O *self* é o núcleo não só do inconsciente, mas, também, de toda a psique. É o arquétipo que leva o homem à busca pelo conhecimento de si mesmo” (Ramos, 2002, p. 127).

²¹ “O eu é o núcleo central do consciente (responsável pelos mecanismos de percepção, de atenção, de memória e de raciocínio), mantém contato com o mundo interior (processos psíquicos, internos) e exterior (meio ambiente, sociedade) do sujeito” (Ramos, 2002, p. 130-131).

arquétipos, *persona*²², *sombra*²³, *anima/animus*²⁴ e o *self*). Em decorrência disto, Ramos (2002) ressalta:

O processo de individuação é, portanto, uma integração entre consciente (cujo núcleo central é o eu) e inconsciente (cujo núcleo central é o *self*). A pessoa passa a viver a partir de um núcleo central psíquico que tem como “comando” um *self* consciente. - Para Jung o inconsciente (através da ação do *self*) impele todas as pessoas a viverem o processo de individuação (Ramos, 2002, p. 128).

Desse modo, entende-se que o processo de enfrentar a si mesmo, ou seja, enfrentar o lado obscuro (habitado no inconsciente) e de suas próprias contradições e complexos (traumas psicológicos) demanda muito esforço do indivíduo e por isso que pode ocorrer de não ser alcançado o processo de individuação e ainda sobre isto, Ramos (2002) advém ao dizer que:

A não vivência dessa busca faz dos indivíduos seres autômatos (máquinas), egoístas (prejudiciais, portanto, à vida em sociedade) ou os leva ao sofrimento psíquico (neuroses), uma vez que a vida com o passar dos anos acaba por perder seu sentido, se este não for buscado (Ramos, 2009, p.129).

Segundo Stein (2020) a individuação exige que o sujeito volte à sua própria natureza, ao próprio ser verdadeiro, ou seja, essa busca do próprio ser individual é um dever desmedido e deve prosseguir pelo resto da vida, nunca se conclui. Ademais, Stein (2020) aponta que os complexos atrasam o processo de individuação, pois essa mulher terá de **bater de frente** com seus impasses emocionais, ela precisa se libertar do aprisionamento do complexo da Mãe Terrível, para que não seja vítima de uma necessidade indomável de uma raiva impiedosa e de vingança em relação aos sofrimentos vividos em sua infância, essa filha deverá arrebentar as amarras do complexo materno negativo severo para poder se individuar depois de uma eterna adolescência enfurecida.

Após conseguir se livrar desse ressentimento contra a mãe, Stein (2020, p. 125) pontua que essa mulher conseguirá “[...] amadurecer e reivindicar identidade plena

²² “A *persona* refere-se à máscara ou face que uma pessoa põe para confrontar o mundo. Às vezes, a *persona* é referida como o “arquétipo social”, envolvendo todos os compromissos próprios para se viver em uma comunidade” (Samuels, Shorter, Plaut, 1986, p. 96).

²³ A *sombra* é retratada como: “algo que uma pessoa não tem desejo de ser, ou seja, a *sombra* é vista como sendo o lado negativo da personalidade, a soma de todas as qualidades desagradáveis que o indivíduo quer esconder, o lado inferior, sem valor, e primitivo da natureza do homem, a “outra pessoa” em um indivíduo, seu próprio lado obscuro” (Samuels, Shorter, Plaut, 1986, p. 130).

²⁴ *Anima* e *animus*: “é a figura interior de mulher [*anima*] contida num homem e a figura interior de homem [*animus*] atuando na psique de uma mulher, sendo assim, suas formas diz respeito aos aspectos “femininos” do homem e aos aspectos “masculinos” da mulher, são considerados como opostos” (Samuels, Shorter, Plaut, 1986, p. 22).

como personalidade criativa”, que só ocorrerá após a separação do complexo materno. Entretanto, para que possa dar seguimento ao seu processo de individuação, a filha deverá libertar-se da identidade com as imagens e narrativas da infância, ou seja, libertar-se do conjunto de sentimentos e ideias associados às vivências e à imagem materna.

Diante do que foi exposto, é notável que o complexo materno negativo influencia na dificuldade no processo de individuação dessa filha, pois, ela apresentará dificuldades em enfrentar tudo aquilo que se apresenta como sendo **escuro, pouco claro** e ambíguo, contudo, também irá preferir em primeira instância se aproximar do que é seguro, nítido e razoável (Jung, 2002). Nesse processo, é importante lembrar que essa mulher foi exposta ao desamparo dos cuidados maternos e diante do aspecto negativo da Grande Mãe, devido a essas influências do meio em que essa filha se encontra, ela enfrentará maiores e diversos tipos de obstáculos, gerando dificuldades no caminho de encontro à individuação (Jung, 2002).

Desse modo, conclui-se que há uma sensibilização nítida no que se refere à convivência entre mãe-filha, pois existe de fato uma intensa ligação íntima dessa filha com a mãe e isso afetará a filha no que se refere à forma e o modo de se relacionar enquanto adulto, na infância e principalmente, irá influenciar de modo profundo a personalidade dela. Por fim, essa filha deverá buscar a liberdade em relação ao complexo materno, ao ponto que consiga trilhar o caminho rumo à individuação para se libertar das **garras** ocasionadas pela Mãe Terrível. Diante do que foi exposto neste presente trabalho, entende-se que a individuação é uma meta que deverá ser perseguida incessantemente, pois, trata-se de um processo, uma contínua construção durante a jornada percorrida no caminho da vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do trabalho, foi possível analisar os diversos aspectos negativos associados à representação da Grande Mãe conforme descrito por Neumann. Esses elementos desempenham um papel crucial na compreensão da dinâmica mãe-filha e nas possíveis consequências para o desenvolvimento da personalidade desta filha.

A partir da perspectiva de C. G. Jung, explora-se com profundidade o arquétipo materno aprisionador e como ele pode influenciar o desenvolvimento da personalidade da filha. Contudo, é evidente que essa influência pode moldar significativamente a forma como ela percebe a si mesma e o mundo ao seu redor.

Ao considerar a interseção entre os conceitos de C. G. Jung e Neumann, torna-se claro que a presença persistente do arquétipo materno aprisionador pode ter implicações profundas no desenvolvimento da personalidade da filha, essas implicações podem se manifestar através de imagens arquetípicas e do complexo afetivo ao emergir.

Diante dessas observações, é importante explorar estratégias para lidar com a influência negativa da Grande Mãe e do arquétipo materno aprisionador, isto pode envolver o cultivo de uma consciência ao ponto de se confrontar com o seu eu, deste modo, deve-se contemplar a ideia da individuação como um caminho a se seguir, a fim de buscar o desenvolvimento do empoderamento e autonomia, para que essa filha venha a se libertar das garras dessa mãe terrível. Contudo, esse trabalho não tem como intuito a finalização do tema proposto, mas busca-se através dessa temática realizar futuramente a continuidade desta pesquisa de modo mais aprofundado para que seja possível uma maior compreensão diante do arquétipo materno negativo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRAIS, Rebecca Holanda; DOS SANTOS JESUINO, Sabrina Leite Cardoso. **A vivência psicológica da comunicação sobre diagnóstico e tratamento por pacientes oncológicos**. Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar, v. 18, n. 2, p. 22-44, 2015.

BARBOSA, Petros. **Arquétipos e a mãe devoradora**. Disponível em: <https://encenasaudemental.com/comportamento/insight/os-arquetipos-e-a-mae-devoradora/> Acesso em: 02 de junho de 2022.

BONFATTI, Paulo *et al.* **Acerca do conceito de arquétipo na Psicologia Analítica: breves considerações**. ANALECTA-Centro Universitário Academia, v. 4, n. 4, 2019.

BONFATTI, Paulo Ferreira. **UMA PSICOLOGIA SINE TEMPORE. Uma análise das concepções de arquétipo, inconsciente coletivo e si-mesmo na teoria de Carl Gustav Jung**. Tese de doutorado. Psicólogo e Doutor em Psicologia Clínica PUC-Rio, 2007.

BYINGTON, Carlos AB. **Freud e Jung: o que a emoção não deixou reunir**. Junguiana-Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica, São Paulo: Sociedade, n. 1, 1983.

BYINGTON, Carlos Amadeu Botelho. **O Ciúme e o Amor Um Estudo da Psicologia Simbólica Junguiana**. Palestra realizada na Fundación Chilena de Psicologia Analítica CC Jung e da Universidad Adolfo Ibañez. Santiago, agosto de, 2005.

CAETANO, Aurea Afonso M. *et al.* **Descrevendo a prática clínica junguiana no Brasil: quem somos, o que pensamos e o que fazemos nós, afinal?**. 2016.

CAMPELO, Luciana Gonçalves; Filha, Relacionamento Entre Mãe E. **Especialização Em Psicologia Analítica**. CURITIBA, 2010. Disponível em: <http://www.symbolon.com.br/monografias/Luciana%20Goncalves%20Campelo%20RELACIONAMENTO%20ENTRE%20MAE%20E%20FILHA.pdf>. Acesso e, 03 de jun. 2023.

COUTO, Mia. **PESQUISA E EPISTEMOLOGIA NA PERSPECTIVA ALQUÍMICO-SIMBÓLICA**, 2017.

CUSTÓDIO, Lucas Matheus Grizotto. **Importância no processo terapêutico da interpretação dos sonhos baseada na Psicologia Analítica: teoria e considerações com base no filme "Sonhando Acordado**. Psicologia. pt-O Portal dos Psicólogos, 2017.

DE ABREU ARRUDA, Enoghalliton. **O INCONSCIENTE-SITUAÇÕES CONFIANTES E ELABORAÇÃO DE SINTOMA: De Freud a Jung**. Conhecendo Online, v. 7, n. 1, 2021.

- DE FREITAS, Cláudia Regina; FERREIRA, Maria de Fátima Camargo Dias. **Aspectos Simbólicos Do Arquétipo Materno E Transgressão: Estudo De Caso De Mães Toxicômanas Sob A Ótica Da Psicologia Analítica 6**, 2018. Disponível em: <http://psicoscience.s3.amazonaws.com/rosa-artigo-1.pdf#page=162>. Acesso em 05 de jun. 2023.
- GORRESIO, Zilda. **Da natureza e do inconsciente coletivo**. *Junguiana*, v. 35, n. 2, p. 59-68, 2017.
- JUNG, C. G. **A natureza da psique**. 5ª edição. Petrópolis, Rio de Janeiro: VOZES, 2000.
- JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. 2ª edição. Petrópolis, Rio de Janeiro: VOZES, 2002.
- JUNG, C. G. **Os Arquétipos e o inconsciente Coletivo**. 11. Ed. OC 9\1 Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- JACOBI, Jolande. **Complexo, arquétipo e símbolo na psicologia de C. G Jung**. Editora Vozes Limitada, 2016.
- KAST, Verena. **A dinâmica dos símbolos: Fundamentos da Psicologia Junguiana**. São Paulo. Edições Loyola, 1997.
- MONTEIRO, Fabiana Ribeiro; COUTINHO, Maria da Penha de Lima; ARAÚJO, Ludgleydson Fernandes de. **Sintomatologia depressiva em adolescentes do ensino médio: um estudo das representações sociais**. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 27, p. 224-235, 2007.
- NASSER, Yone Buonaparte d'Arcanhy Nobrega. **A identidade corpo-psique na psicologia analítica**. *Estudos e pesquisas em psicologia*, v. 10, n. 2, p. 325-338, 2010.
- NEUMANN, Erick. **A grande mãe – um estudo fenomenológico da constituição feminina do inconsciente**. São Paulo: Cultrix, 2016.
- OKUMURA, Iris Miyake; DORO, Maribel Pelaez. **Tramas do inconsciente: surto psicótico pela abordagem analítica**. *Psicol. hosp. (São Paulo)*, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 34-54, jan. 2019.
- PADUA, Elisângela Sousa Pimenta de; SERBENA, Carlos Augusto. **Reflexões teóricas sobre a psicologia analítica**. *Bol. - Acad. Paul. Psicol.*, São Paulo, v. 38, n. 94, p. 123-130, jan. 2018.
- PENNA, Eloisa Marques Damasco *et al.* **Processamento simbólico arquetípico: uma proposta de método de pesquisa em psicologia analítica**. 2009.
- PORTILLO, Vanilde. **Arquétipo materno**. São Paulo, 2001. Disponível em: http://www.portaldapsique.com.br/Artigos/Arquetipo_Materno.htm. Acesso em: 01 de junho de 2022.

RAMOS, Luís Marcelo Alves. **A psicologia analítica de Carl Gustav Jung: apontamentos de aula**. ETD-Educação Temática Digital, v. 6, n. 2, p. 192-205, 2005.

RAMOS, Luís Marcelo Alves. **Apontamentos sobre a psicologia analítica de Carl Gustav Jung**. ETD-Educação Temática Digital, v. 4, n. 1, p. 110-144, 2002.

SANT'ANNA, Paulo Afrânio. **Um estudo dos arquétipos nos sonhos de portadores do HIV**. 1996. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.
doi:10.11606/D.47.1996.tde-12042004-121817.

SILVEIRA, Nise da. **Jung: vida e obra**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

STEIN, Murray. **Jung e o caminho da individuação: Uma introdução concisa**. SP: Cutrix, 2020.

STEIN, Murray. **JUNG - O Mapa da Alma: Uma introdução**. SP: Cutrix, 2006.

SERBENA, Carlos Augusto. **Considerações sobre o inconsciente: mito, símbolo e arquétipo na psicologia analítica**. Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies, v. 16, n. 1, p. 76-82, 2010.